

**Título do simpósio:** Leituras, diálogos e conflitos: as relações no espaço construído e imaginado entre Brasil, América e Europa

**Título do trabalho:** Quitinete: uma tipologia forjada entre a Europa, os Estados Unidos e o Brasil

**Autora:** Joana Mello de Carvalho e Silva

**Titulação:** Doutora

**Instituição:** Escola da Cidade

**Resumo:** A reestruturação do mercado imobiliário e o surgimento de tipologias que encenaram novas formas de estar, de morar e de trabalhar na cidade de São Paulo a partir de meados dos anos 1940, coincidiram com as transformações nos parâmetros disciplinares que orientavam o discurso e a prática arquitetônica no Brasil. É notável nesse período a adequação da produção do escritório do arquiteto francês Jacques Émile Paul Pilon (1905-1962) às novas demandas, às alterações de gosto e costume da clientela, e à aproximação do movimento moderno reveladas, por exemplo, nos projetos de apartamentos quitinete. Dos chefes de escritório de Pilon, Adolf Franz Heep (1902-1978) foi quem mais investigou essa nova tipologia. Por isso, interessa acompanhar a sua atuação, retomando a sua formação e experiência pregressa em Frankfurt e em Paris, entrelaçando-as com a análise do contexto local com o qual dialogou a partir de 1947, quando se transferiu definitivamente para o Brasil. Analisar o momento em que a nova tipologia foi formulada, as suas motivações iniciais e os desenvolvimentos posteriores, permite não só recuperar a trajetória do arquiteto germânico como investigar os debates das vanguardas europeias no cruzamento com as experiências norte-americanas e suas adaptações pelo mercado imobiliário paulistano.

**Palavras-chave:** Quitinete, Metropolização, Arquitetura Moderna

**Abstract:** From the mid-1940s the real estate market was restructured and new housing typologies emerged, staging new ways of being, living and working in Sao Paulo. These processes coincided with changes in the parameters that guided the disciplinary discourse and practice of architecture in Brazil. In this period, it is noteworthy the adequacy of the production of French architect Jacques Émile Paul Pilon (1905-1962) to the new demands, changes in taste and custom of the clientele,

and his approximation of the modern movement, revealed for example in the projects of kitchenette apartments. Adolf Franz Heep (1902-1978), Pilon's office chief, most investigated this new typology. Therefore, it is interesting to monitor his performance, resuming his training and past experience in Frankfurt and Paris, interweaving them with the local context analysis with which he dialogued from 1947 on, when he moved permanently to Brazil. Analyzing the moment the new typology was formulated, its initial motivations and subsequent developments, allows not only recovering the trajectory of the German architect but also investigating the debates of the European avant-garde while crossing the American experiences and their adaptations by the real estate market in Sao Paulo.

**Key words:** Kitchenette, Metropolization, Modern Architecture

## **Quitinete: uma tipologia forjada entre a Europa, os Estados Unidos e o Brasil<sup>1</sup>**

O apartamento quitinete começou a ser elaborado nos Estados Unidos a partir da adaptação dos hotéis à função residencial. Apareceu como uma inovação interessante aos arquitetos modernos europeus, de um lado, pela oferta de serviços complementares à habitação como lavanderias, restaurantes, áreas de convívio e lazer, de outro, por pela miniaturização dos espaços domésticos, em especial da cozinha que, quando não simplesmente desapareceu, foi reduzida a um equipamento que concentrava fogão, geladeira, pia e armário chamado “kitchenette” (COHEN, 1995: 56), origem da denominação da tipologia.

Segundo Jean Louis Cohen, esses apartamentos inspiraram um dos primeiros projetos manifestos de Le Corbusier (1887-1965), o *Immeuble-Villa* (1922). “Longe de ser (como mais tarde reivindicaria o arquiteto franco-suíço) uma idéia ‘espontânea’ rabiscada na mesa de um restaurante, o edifício foi concebido em resposta à encomenda do Grupo de Habitação Franco-Americano”. Patrocinador de seu estande no Salão de Outono de 1922, onde o projeto foi exposto pela primeira vez, o grupo estava interessado em “construir edifícios cooperativa que pudessem oferecer aos habitantes todas as vantagens de um hotel de primeira classe com as relativas ao apartamento privado onde eles se sentissem perfeitamente em casa” (COHEN, 1996: 58). Para Le Corbusier, o programa e a estrutura de funcionamento de hotéis como os norte-americanos solucionavam a crise dos serviços domésticos, considerado por ele um fato inexorável que demandava novas soluções habitacionais (CORBUSIER; JEANNERET, 1943: 41).

A inspiração do *Immeuble-Villa* seria confirmada, segundo Cohen “quando [Le Corbusier] descobriu as “casas comuna” durante viagem à Rússia, entre 1928 e 1929, e nas palestras dadas em Buenos Aires em [1929], nas quais insistiu no papel dos serviços comunitários em seus projetos, justificando-os como sendo ‘praticados comumente em todos os hotéis ao redor do mundo” (COHEN, 1995; COHEN,

---

<sup>1</sup> Este trabalho faz parte de minha tese de doutorado *O arquiteto e a produção da cidade: a experiência de Jacques Pilon em perspectiva (1930-1960)* defendida em março de 2010 sob a orientação da Profa. Dra. Ana Lúcia Duarte Lanna com o apoio da Fapesp e disponível no endereço [www.teses.usp.br/teses/.../16/.../o\\_arquiteto\\_e\\_a\\_producao\\_da\\_cidade.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/.../16/.../o_arquiteto_e_a_producao_da_cidade.pdf).

2007:11). Se ao longo do tempo, o arquiteto franco-suíço foi dissociando seu discurso da idéia dos “serviços de hotel” em favor da defesa de unidades de habitação, a preocupação em dotar os seus edifícios de serviços coletivos essenciais à vida urbana parece remontar ao impacto que os hotéis norte-americanos lhe causaram no início da década de 1920 (COHEN, 1995; COHEN, 2007).

Como se apontou acima, a oferta de serviços coletivos foi acompanhada pela miniaturização dos equipamentos e espaços domésticos. Tirava-se da unidade habitacional uma série de funções assimiladas às áreas comuns dos edifícios e à própria cidade. Se o primeiro aspecto foi prontamente assimilado por Le Corbusier em seus projetos, a discussão sobre o espaço mínimo, testada inicialmente na Casa Geminada (1926-1927) da exposição *Weissenhofsiedlung* (1927) de Stuttgart [Fig. 1], só seria enfrentada anos mais tarde nos projetos que o arquiteto fez para o industrial Edmond Wanner, dos quais se destaca o Edifício Clarté (1930-1932) (COHEN, 1995: 58). Construído em Genebra, na Suíça, em colaboração com Pierre Jeanneret (1896-1967), o edifício tinha, ao lado de apartamentos duplex de dois e três dormitórios, um pequeno estúdio, com as mesmas dimensões e formas de organização do que se denomina aqui de quitinete [Fig. 2].

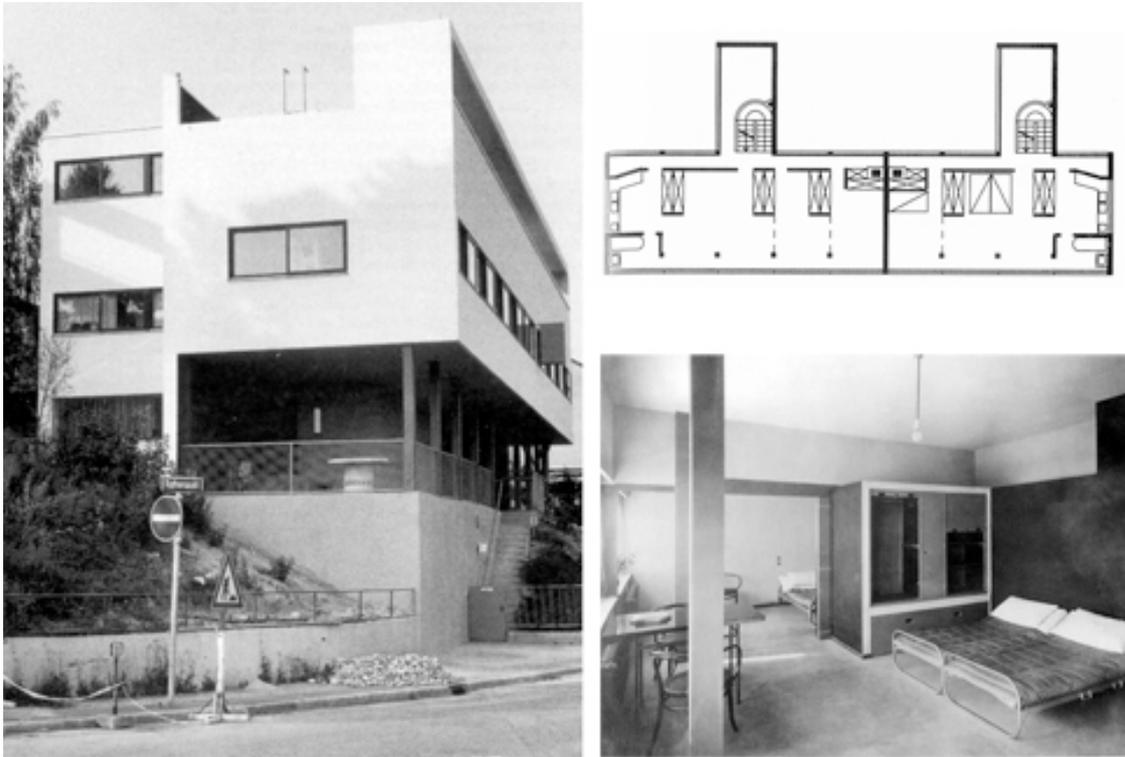


Figura 1 – Le Corbusier. Casa Geminada (1926-1927). Fonte: COHEN, 2007



Corbusier esses debates ocuparam uma posição lateral em seu discurso e em sua prática, dado o enfoque urbanístico adotado para o problema habitacional, para o grupo alemão que pautou em grande medida os primeiros encontros eles eram essenciais. Mesmo antes da criação do CIAM, os arquitetos alemães se dedicavam à construção de conjuntos habitacionais, as experiências em Stuttgart, repercutindo nos debates travados no segundo congresso realizado nesta cidade em 1929.

Na realidade, o problema da célula habitacional já tinha sido bastante discutido e investigado na Alemanha no mesmo período em que os hotéis norte-americanos começaram a ser considerados uma alternativa de moradia nas grandes cidades. O enfoque dado naquele país, contudo, notadamente a partir da constituição da República de Weimar (1919-1933) era bastante diverso, pois participava de um programa de habitação coletiva e popular que reunia industriais da construção, intelectuais, arquitetos e classes trabalhadoras (BARONE, 2002: 29; CURTIS, 2008: 249).

Em Frankfurt, os sindicatos e as cooperativas habitacionais conseguiram o apoio do prefeito da Ludwig Landmann,<sup>2</sup> responsável pelo investimento em um programa habitacional de larga escala dirigido por Ernest May (1886-1970) e 1925 a 1930 (SILVA, 2010). O programa estava vinculado à Escola Municipal de Artes Aplicadas de Frankfurt (*Städelschule*),<sup>3</sup> onde Adolf Franz Heep (1902-1978) estudou de 1923 a 1926<sup>4</sup> e previa cursos ministrados por membros do Conselho de Construções da Repartição Municipal de Construções, como o Curso Especial de Construções de Moradias e Cidades ministrado por Ernest May durante a graduação

---

<sup>2</sup> No livro *Arquitetura moderna desde 1900*, William Curtis afirma que Landmann tinha um interesse especial pelo problema, publicando em 1919, o livro *Das Siedlungsamt der Großstadt*.

<sup>3</sup> História da instituição no site oficial da Classe de Arquitetura da *Städelschule*. Disponível em: <<http://www.staedelschule.de/architecture/history.html>> Acesso: 20 dez. 2010.

<sup>4</sup> Informação obtida na declaração do arquiteto Adolf Gronau em favor de Heep proferida em 18 de setembro de 1952, constante do processo de aquisição do registro definitivo do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de São Paulo (Crea SP) de Adolf Franz Heep. Nos documentos do processo e no levantamento realizado na *École Spéciale d'Architecture* (ESA) de Paris não há nenhuma confirmação de que o arquiteto estudou ou completou a sua formação naquela instituição, tal como afirmam Philippe Dehan, *Jean Ginsberg 1905-1983. Une Modernité Naturelle*. Paris: Connivences, 1987, p. 47 e Marcelo Consiglio Barbosa, *A obra de Adolf Franz Heep no Brasil*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2002. O mais certo é que Heep tenha conhecido Jean Ginsberg no escritório de Le Corbusier, onde estagiaram entre 1928 e 1932.

de Heep,<sup>5</sup> até a contratação dos melhores alunos como estagiários e, depois de formados, como arquitetos do programa.<sup>6</sup>

Recém formado, Heep trabalhou no conselho até 1928<sup>7</sup> a convite de Adolf Meyer, seu professor na classe de arquitetura,<sup>8</sup> participando das pesquisas sobre eficiência e economia da construção, além dos padrões mínimos de existência para produção de habitação popular em massa. Parte dessas pesquisas reverteram na criação de espaços engenhosos para armazenagem de camas e outros móveis concebidos segundo a lógica de uso de cada ambiente, sendo o exemplo mais acabado dessas pesquisas a cozinha projetada por Margarete Schütte-Lihotzky (1897-2000), conhecida como “cozinha de Frankfurt” (CURTIS, 2008: 249; FRAMPTON, 1997: 166-67). [Fig. 3]



Figura 3 – Margarete Schütte-Lihotzky. Cozinha de Frankfurt. Fonte: [http://www.vam.ac.uk/vastatic/microsites/1331\\_modernism/zoom.html](http://www.vam.ac.uk/vastatic/microsites/1331_modernism/zoom.html)

---

<sup>5</sup> Informação colhida no documento acima.

<sup>6</sup> Informação colhida no ofício do Arquiteto Erich Brendel, Conselheiro de Construções Estadual, de 4 de setembro de 1952, constante do processo de aquisição do registro definitivo do Crea SP de Adolf Franz Heep.

<sup>7</sup> Dado obtido no ofício do o arquiteto A. Selmer, Conselheiro Municipal de Construções, de 3 de setembro de 1952, constante do processo de aquisição do registro definitivo do Crea SP de Adolf Franz Heep.

<sup>8</sup> Informações colhidas na declaração de Adolf Gronau e no ofício Erich Brendel já citados.

O aprendizado na *Städelschule* e o treinamento no Conselho de Construções que incluíam além das pesquisas sobre o espaço mínimo esforços de racionalização da construção foram sem dúvida assimilados por Heep como revelam os projetos que concebeu em Paris com o sócio Jean Ginsberg (1905-1983) entre 1932 e 1945-7.<sup>9</sup> Contudo, diferentemente do que ocorria em Frankfurt, em Paris ou em Genebra, esse treinamento era empregado em edifícios privados promovidos pelo mercado imobiliário para uma clientela de classe média e não parte de um programa habitacional público destinado às camadas populares. Tal como ocorria em Nova York, também em Paris essa tipologia atendia a um público específico, típico das grandes cidades e um mercado imobiliário em expansão (DEHAN, 1987). Desses projetos, merecem destaque os edifícios de apartamentos destinados ao mercado de locação, construídos nas avenidas Versalhes (1933-1934) [Fig. 4] e Vion-Whitcomb (1934-1935) [Fig. 5] e na rua des Pâtures (1935-1936) [Fig. 6], pelas possibilidades de comparação com os construídos posteriormente pelo arquiteto germânico em São Paulo.

---

<sup>9</sup> Philippe Dehan afirma que Heep permaneceu no escritório de Jean Ginsberg até 1945, quando teria emigrado para o Brasil. Marcelo Consiglio Barbosa concorda com Dehan, afirmando que a sociedade com Ginsberg foi desfeita em 1945, com a convocação de Heep para auxiliar na reconstrução da Alemanha, momento em que o arquiteto negociou a sua vinda ao Brasil, contando com a ajuda de Ginsberg para obtenção do visto e da passagem. Na documentação levantada no Crea SP, contudo, não há nenhuma menção da passagem de Heep pela Alemanha, constando no documento expedido pelo Serviço de Registro de Estrangeiros que seu visto de viagem foi expedido no consulado brasileiro de Paris em 2 de julho de 1947 e que o arquiteto desembarcou no porto do Rio de Janeiro em 24 de julho de 1947, não tendo sido possível confirmar as informações colhidas nos trabalhos de Phillippe Dehan, op. cit., p. 81 e Marcelo Consiglio Barbosa, op. cit., p. 22. O referido documento consta do processo de registro definitivo do Crea SP, fl. 5. A informação de que Heep se transferiu para o Brasil em 1947 e não em 1945, é confirmada por Marie Heep, esposa do arquiteto, em carta endereçada a Le Corbusier em julho de 1952. Na carta pertencente à Fundação Le Corbusier, Marie Heep menciona ainda que Heep teria trabalhado com Le Corbusier no projeto da *Maison Stein* em Garches.

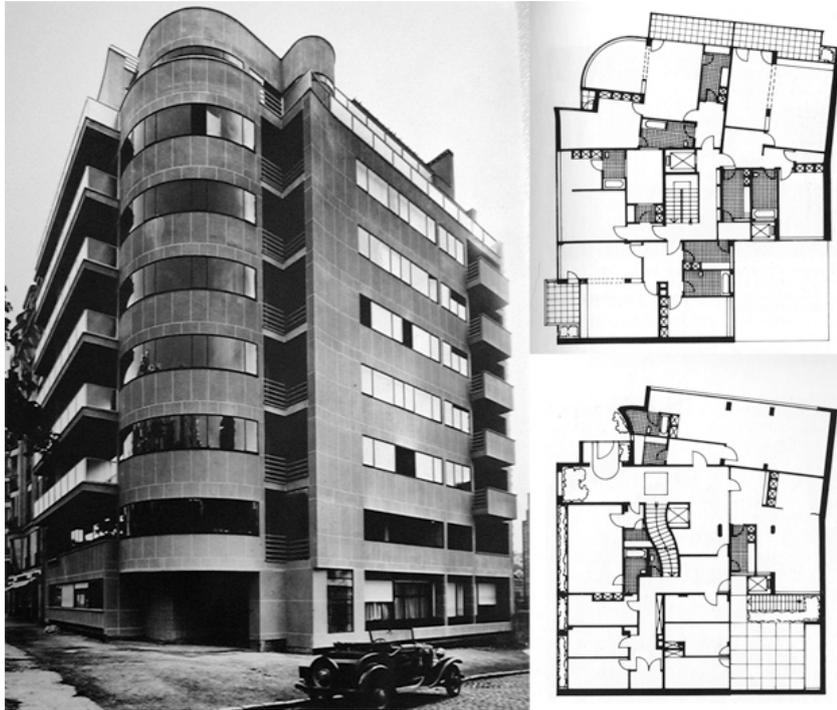


Figura 4 – Adolf Franz Heep e Jean Ginsberg. Edifício Versalhes (1933-1934). Fontes: IFA;  
DEHAN, 1987

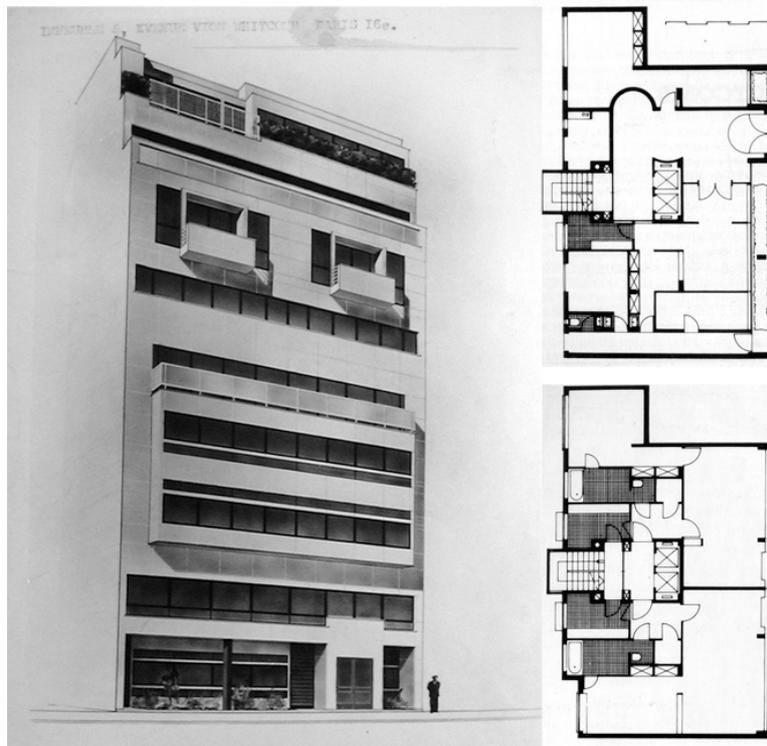


Figura 5 – Adolf Franz Heep e Jean Ginsberg. Edifício Vion-Whitcomb (1934-1935). Fontes:  
IFA; DEHAN, 1987



Figura 6 – Adolf Franz Heep e Jean Ginsberg. Edifício rua des Pâtures (1935-1936). Fontes: IFA; DEHAN, 1987

Nesses edifícios, percebe-se o esforço de Heep em sintetizar as questões funcionais, técnicas e estéticas tanto no arranjo da planta quanto na fachada. Esse esforço se expressa na tentativa de racionalizar a construção através da concentração em um mesmo espaço das áreas molhadas – destinadas aos banheiros, à cozinha e à lavanderia -, de circulação e de infra-estrutura – tubulações de esgoto, água, elétrica e calefação – e da diminuição dos ambientes. Um bom exemplo desse esforço se revela no desenho da cozinha, concebida como um espaço reduzido que se desenvolve linearmente para atender às necessidades específicas da produção de alimentos, conforme os ensinamentos aprendidos em Frankfurt. Seu melhor exemplo, contudo, é o estúdio do Edifício da rua des Pâtures, onde o arquiteto lança mão de móveis que delimitam os espaços de estar e de repouso, como o armário junto à porta de entrada, e de formas flexíveis e justapostas, como a parede curva que cria o nicho para a entrada da cozinha e abre espaço para a bancada, além da que divide a cozinha do banheiro, delimitando o espaço da bacia e da banheira. Heep resolvia com elegância e eficiência os problemas relativos à distribuição funcional do programa residencial em áreas de dimensões muito mais reduzidas do que aquelas experimentadas por Le

Corbusier no Edifício Clarté, porém mais próximas das experiências germânicas, da qual tinha participado durante a sua formação.

Ao desembarcar no Brasil, Heep trazia na bagagem a experiência em Frankfurt ao lado de Ernest May e Adolf Meyer e a vivida em Paris com Le Corbusier, com quem trabalhou entre 1928 e 1932 e Jean Ginsberg. E elas puderam ser aproveitadas pelo arquiteto em São Paulo, porque no momento de sua chegada, em 1947, o mercado imobiliário não só passava por uma profunda reestruturação como já se demonstrava sensível à nova linguagem da arquitetura moderna seja em função da preocupação com a racionalização da construção adequada a uma economia construtiva compromissada com os lucros imobiliários, seja porque as propostas de integração e redução dos espaços ia de encontro com as mudanças da sociabilidade urbana então identificadas pelos investidores urbanos. É o que atesta a sua contratação por Jacques Pilon (1902-1965) e a confiança depositada pelo arquiteto francês em Heep ao encarregá-lo de acompanhar e revisar radicalmente uma série de projetos em andamento, segundos os parâmetros modernos em detrimento dos acadêmicos até então adotados em seu escritório.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Nos levantamentos realizados no acervo de projetos da FAUUSP e no Arquivo Geral de Processos da Prefeitura Municipal de São Paulo não foi encontrada nenhuma referência explícita à participação de Franz Heep nos projetos do escritório de Jacques Pilon. Heep não tinha o hábito, compartilhado pelos desenhistas e outros chefes de escritórios de assinar ou endossar as plantas e demais peças gráficas pelas quais era responsável. Por isso, e pelo fato de Pilon não creditar a autoria de seus projetos aos chefes de escritório, torna-se difícil saber de fato de quais projetos Heep participou efetivamente entre 1947 e 1951. Sabe-se, contudo, pelo depoimento de Herbert Duschenes à Ilda Castello Branco que o projeto do Banco Noroeste foi modificado por Heep. A pesquisadora credita também a Heep a autoria pelos edifícios Davina Lara Nogueira – confirmada por Marcelo Consiglio Barbosa através da comparação desse projeto com os realizados por Heep em Paris e depois individualmente em São Paulo -, Acácia (1944-1952), Tinguá – confirmada por Catharine Gati – e Basílio Jafet. Gati afirma ainda que Heep realizou o edifício Atlanta, a assertiva sendo confirmada por Barbosa pelo mesmo método de comparação acima exposto, descrito em sua dissertação de mestrado. Este método o levou a afirmar que os edifícios Vicente Filizola, Salim Farah Maluf e R. Monteiro foram reformulados também por Heep. Com relação ao edifício-sede do jornal O Estado de S. Paulo a participação de Heep foi confirmada em entrevista à autora em abril de 2008 por Gian Carlos Gasperini. Com exceção do edifício Acácia, muito austero na sua referência à arquitetura clássica, todos os outros me parecem, de fato, serem de autoria de Franz Heep. Ilda Helena Diniz Castello Branco, *Arquitetura no centro da cidade: edifícios de uso coletivo. 1930 – 1950*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1988; Marcelo Consiglio Barbosa, op. cit. e Catharine Gati. “Franz Heep”. *Arquitetura e Urbanismo*. São Paulo, n.53, p.79-91, abr./maio, 1994.

Um dos principais vetores de investimento econômico de São Paulo desde o início do século XX, o mercado imobiliário se ampliou nos anos 1940,<sup>11</sup> a sua reestruturação sendo impulsionada por um conjunto de fatores interligados: da conjuntura da guerra à reordenação das atividades produtivas no país, incluindo a emergência de novos circuitos financeiros que repercutiram nos tipos e nas formas de provisão dos empreendimentos imobiliários (FELDMAN, 2005: 16; BONDUKI, 1998: 208-45).

Do ponto de vista do setor residencial, a criação de um sistema de crédito possibilitou o surgimento de um mercado de compra e venda de imóveis que suplantou o mercado rentista, até aquele momento preponderante, com conseqüências diversas para cada uma das camadas da sociedade. Se para a elite os efeitos foram mínimos, para as classes de menor poder aquisitivo, cujas possibilidades de participarem dos programas de financiamento eram praticamente nulas, a lei foi fatal. Pressionados pelos proprietários, constrangidos pelo aumento do aluguel e premidos pela insegurança da condição de inquilinos, os trabalhadores deixaram seus imóveis de locação por cortiços e favelas na região central ou moradias auto-construídas nas periferias, que a partir desse momento se expandiram consideravelmente (BONDUKI, 1998: 218-45). Para as classes média, por sua vez, os edifícios verticais se tornaram a principal alternativa de moradia, as tipologias variando em função da sua maior ou menor capacidade de endividamento. Se para aqueles com maior poder aquisitivo a área não se configurava como uma variável tão decisiva quanto à localização do empreendimento (escolhida em função da exclusividade do uso residencial),<sup>12</sup> para os remediados ela era um fator

---

<sup>11</sup> Apoiando-se no texto "O Estado, o *boom* do século e a crise da habitação" de Marcus André Barreto Campelo de Melo, Sarah Feldman chama atenção para o fato de que os investimentos no setor atingiram o patamar de 47% dos negócios em 1947, 60% delas se concentrando em São Paulo e no Distrito Federal. Sarah Feldman, *Planejamento e zoneamento São Paulo: 1947 – 1972*. São Paulo: Edusp/ Fapesp, 2005, p. 16. Outras cidades conheceram a mesma expansão imobiliária no país, entre elas Recife, Belo Horizonte, Porto Alegre e Salvador. Ver: Maria Adélia Aparecida de Souza, *A identidade da metrópole: a verticalização em São Paulo*. São Paulo: Hucitec: Edusp, 1994, Maria Ruth Amaral de Sampaio (Org.). *A promoção privada de habitação econômica e a arquitetura moderna, 1930-1964*. São Carlos: Rima, 2002 e Rossella Rossetto, *Produção imobiliária e tipologias residenciais modernas. São Paulo – 1945/1964*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2002.

<sup>12</sup> Como mostra Sarah Feldman, essa garantia foi estabelecida pela Lei 3.571 de 1937. Espécie de resposta às transformações dos bairros de alta renda em curso, como Higienópolis, onde o segundo prédio construído é o Santo André da Pilon & Matarazzo Ltda (Pilmat), a lei revia o artigo 40 do Código Arthur Sabóia, propondo uma ocupação mais flexível nas vias principais dos bairros definidos como estritamente residenciais. "Nesse caso o que a lei faz é garantir o uso residencial, protegendo os bairros da entrada de outros usos, ao mesmo tempo em que "protege os

essencial dada o seu menor poder aquisitivo e o desejo de permanecer nas áreas centrais da cidade, seja pela inserção social e simbólica que ela possibilitava, seja pela proximidade dos espaços de trabalho, serviço, comércio e lazer e daqueles providos de toda a infra-estrutura urbana. Daí a preponderância entre os investimentos dos anos 1940 em diante dos apartamentos quitinetes, espaços multifuncionais com áreas que variavam entre 25 e 40m<sup>2</sup>.

O surgimento das quitinetes em São Paulo, contudo, não pode ser explicado apenas em função do preço da terra e do interesse imobiliário em multiplicá-lo através de apartamentos de área pequena e, por isso mesmo, em grande quantidade por edifício. Além dos aspectos econômicos, a origem da nova tipologia estava vinculada aos processos de metropolização e modernização em curso e por isso mesmo com o surgimento de novos atores, novas formas de estar e de morar na cidade.

A despeito de ter sido apropriada por famílias constituídas, as quitinetes eram destinadas a princípio a um público de solteiros e jovens casais, pequenos funcionários do comércio, indústria e serviços urbanos, alguns deles recém chegados a São Paulo (GITAHY; XAVIER, 2002: 30), a maioria em início de carreira. Se o modo de vida desses novos clientes impulsionava e ao mesmo tempo se adaptava às quitinetes, é certo também que a cidade lhe dava suporte. De um lado, porque a industrialização liberou a casa das atividades de preparação dos alimentos e do vestuário (LEMOS, 1976) e, de outro, porque a modernização fez da cidade um espaço não só de trabalho, mas também de lazer, de serviço e de consumo, que animava a sociabilidade fora do espaço residencial com cinemas, teatros, museus, livrarias, bibliotecas, restaurantes, confeitarias, cafés, bares e casas noturnas (GAMA, 2004: 138-45). É nesse contexto, que um novo modo de vida mais despojado e menos hierarquizado se afirmou “desaparecendo, para homens e mulheres, a distinção rígida entre a roupa de ficar em casa e o traje de sair, de sair para a cidade, para visitar fulano ou sicrano, de ir à missa todos os domingos, de ir às festas” e que o vestuário vai se simplificando, facilitando o dia a dia, colocando em desuso “o suspensório, a abotoadura, a barbatana da camisa social, o pregador de gravata, o lenço de pano, a cinta-liga, a anágua e a combinação” (MELLO; NOVAIS, 1998: 559-78). Na casa, a sala de jantar se agrega a de estar e outros

---

valores imobiliários não apenas das casas, como também dos apartamentos de luxo, ao definir vias específicas para os últimos”. Sarah Feldman, op. cit., 2005, p. 158.

ambientes deixam de ser projetados como os salões de visita, as salas de fumar, de jogos ou de brinquedos, o gabinete, a lavanderia e o quarto de empregada a depender da tipologia e do público atendido.

É nesse quadro econômico, social e cultural que a quitinete surge em São Paulo e que a contribuição de Heep se destaca. Investimento privado de Jacques Pilon, o Edifício Atlanta (1945-1949)<sup>13</sup> foi uma das primeiras incursões do arquiteto germânico no programa depois de sua transferência definitiva para São Paulo em 1947. Como nos edifícios de Paris, Heep concentrou na parte dos fundos do prédio a circulação e a área molhada, reeditando nas paredes da escada a solução de concentrar as tubulações de água, esgoto, incêndio e lixo [Fig. 7]. A solução expressa o intento de conjugar os problemas técnicos, infra-estruturais, do âmbito da engenharia, com as soluções arquitetônicas, formais e construtivas, a mesma preocupação aparecendo no desenho do peitoril da varanda, misto de proteção e assento que se configura como um espaço de estar e de expansão da sala em direção à Praça da República. Contribui para essa ampliação o caixilho de piso a teto, composto por portas de correr de vidro e de veneziana que delimitam a varanda, tornando o ambiente de dimensões reduzidas muito mais agradável [Fig. 8 a 10]. A solução de fato qualifica o apartamento, sendo amplamente adotada por Heep em seu escritório individual a partir dos anos 1950 em edifícios como Icaraí (1953) [Fig. 11], Araraúnas (1955) e Guaporé (1956).

---

<sup>13</sup> O primeiro projeto apresentado para o Edifício Atlanta é de 1945 e consta do processo n. 077.001/1945. Um novo projeto foi apresentado no dia 8 de fevereiro de 1950 no processo n. 024.036/1950. Esta última versão foi efetivamente construída.

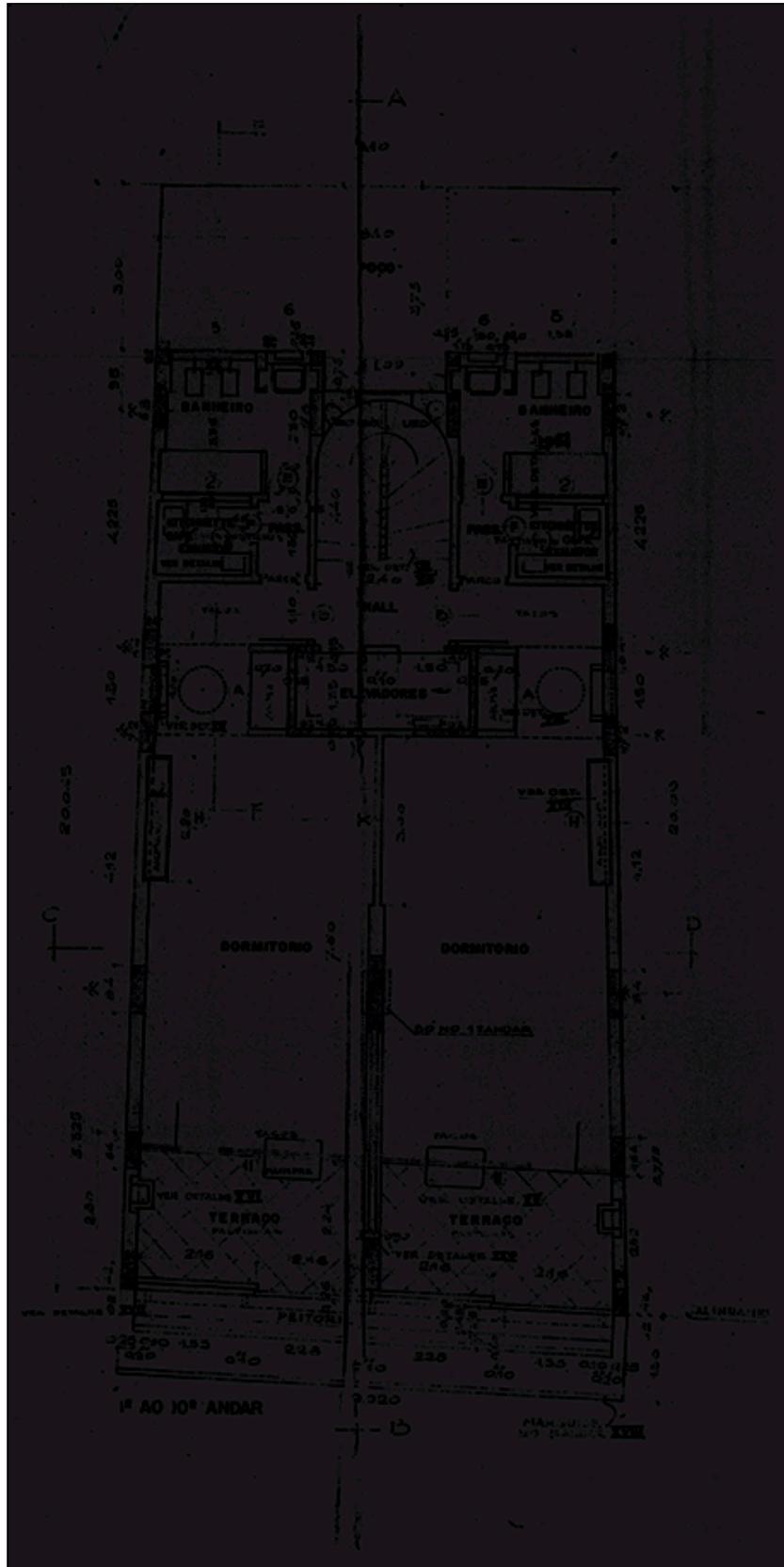


Figura 7 – Adolf Franz Heep. Edifício Atlanta (1945-1949), planta do 1°. ao 10°. Pavimento



Figura 8 a 10 – Adolf Franz Heep. Edifício Atlanta (1945-1949). Fonte: fotos da autora



Figura 11 – Adolf Franz Heep. Edifício Icarai (1953). Fonte: fotos da autora

A pequena cozinha é projetada juntamente com os móveis que dão suporte ao seu funcionamento, garantindo a sua adequada miniaturização [Fig. 12]. Na passagem para o ambiente que abriga as múltiplas funções de dormitório, sala de estar e de jantar há um armário e uma luminária, provavelmente desenhada pelo arquiteto, que marcam a transição para o espaço íntimo do apartamento [Fig. 13]. Outro armário se encaixa na parede lateral, delimitando uma possível separação entre o quarto e a sala.



Figura 12 e 13 – Adolf Franz Heep. Edifício Atlanta (1945-1949). Fonte: fotos da autora

A excelência do Edifício Atlanta, verificada nos demais apartamentos quitinetes realizados por Heep em São Paulo, é decorrente da exatidão das dimensões do ambientes, da sua adequação funcional, do desenho de móveis que dão suporte ao mais diferente usos ou atividades e da preocupação em ampliar o espaço através de varandas e caixilhos de piso a teto. Fruto de seu treino em Frankfurt, a qualidade de seus projetos não é verificada em muitos outros edifícios quitinetes construídos na cidade no período, cuja preocupação com os lucros imobiliários desponta como sua principal motivação. A produção de Heep se destaca, portanto, pela capacidade de atender às demandas do mercado sem sacrificar a qualidade dos espaços e da construção.

Em Nova York, Frankfurt, Paris ou em São Paulo o apartamento quitinete foi apropriado tanto pelo mercado imobiliário quanto pelo poder público. Apesar da diversidade das motivações, em ambos os casos, contudo, a nova tipologia parece responder aos processos de urbanização, metropolização e modernização que atingiam cada uma dessas cidades, abrigando novos modos de morar e de estar e uma população que cada vez mais se concentrava no espaço urbano.

## **Bibliografia**

- BARBOSA, Marcelo Consiglio. *A obra de Adolf Franz Heep no Brasil*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2002.
- BARONE, Ana Cláudia Castilho. *Team 10: arquitetura como crítica*. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.
- BRANCO, Ilda Helena Diniz Castello. *Arquitetura no centro da cidade: edifícios de uso coletivo. 1930 – 1950*. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1988.
- BONDUKI, Nabil G. *Origens da habitação social no Brasil. Arquitetura moderna, Lei do Inquilinato e difusão da casa própria*. São Paulo: Estação Liberdade: Fapesp, 1998.
- COHEN, Jean Louis. *Scenes of the World to Com. European Architecture and the American Challenge 1893-1960*. Paris: Flammarion, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Le Corbusier (1887-1965): lirismo da arquitetura da era da máquina*. Paisagem Distribuidora de Livros Ltda, 2007.
- CURTIS, William J. R. *Arquitetura moderna desde 1900*. Porto Alegre: Bookman, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Le Corbusier: Ideas and Forms*. London: Phaidon, 1998.
- DEHAN, Philippe. *Jean Ginsberg 1905-1983. Une Modernite Naturelle*. Paris: Connivences, 1987.
- FELDMAN, Sarah. *Planejamento e zoneamento: São Paulo 1947-1972*. São Paulo: Edusp, 2005.
- FERREIRA, Avany de Francisco; MELLO, Mirela Geiger (Orgs.). *Arquitetura escolar paulista: anos 1950 e 1960*. São Paulo: FDE, 2006.
- FRAMPTON, Kenneth. *História crítica da arquitetura moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- GAMA, Lúcia Helena. “Novos centros e intensas movimentações democráticas”. In: CAMPOS, Candido Malta; GAMA, Lúcia Helena; SACCHETTA, Vladimir, *São Paulo, metrópole em trânsito: percursos urbanos e culturais*. São Paulo: Editora Senac, 2004, p. 138-45.

- GATI, Catharine. Franz Heep. *Arquitetura e Urbanismo*. São Paulo, n.53, pp.79-91, abr./maio, 1994.
- GITAHY, Maria Lúcia Caira; XAVIER, Paulo César (Orgs.). *O complexo industrial da construção e a habitação econômica moderna, 1930 – 1964*. São Carlos: RiMA, 2002.
- LE CORBUSIER; JEANNERET, Pierre. *Ouvre Complète de 1910-1929*. Zurich: Dr. H. Girsberger, 1943.
- \_\_\_\_\_. *Ouvre Complète de 1929-1934*. Zurich: Dr. H. Girsberger, 1946.
- LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. *Cozinhas, etc. : um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista*. São Paulo, Perspectiva, 1976.
- MELLO, João Manuel Cardoso; NOVAIS, Fernando A. “Capitalismo tardio e sociabilidade moderna”. In: *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- ROSSETTO, Rossella. *Produção imobiliária e tipologias residenciais modernas. São Paulo – 1945/ 1964*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2002.
- SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de (Org.). *A promoção privada de habitação econômica e a arquitetura moderna: 1930-1964*. São Carlos: RiMa, 2002.
- SILVA, Luís Octávio da. *Primórdios da habitação social: as experiências do entre guerras na Europa e Estados Unidos*. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp475.asp>>. Acesso em: 24/01/2010.
- SOMEKH, Nádia. *A cidade vertical e o urbanismo modernizador*. São Paulo: Studio Nobel: Edusp: Fapesp, 1997.
- SOUZA, Maria Adélia Aparecida. *A identidade da metrópole, a verticalização em São Paulo*. São Paulo: Hucitec: Edusp, 1994.